

**EDUCAÇÃO MUSICAL E PRÁTICAS
EMANCIPATÓRIAS:
AS REDES DE SABERES E FAZERES NO COTIDIANO
ESCOLAR**

**MUSICAL EDUCATION AND ELEMENTARY SCHOOL:
THE NETWORKS OF SUBJECT AND THE
INTERFERENCE IN THE TEACHING WORK**

Marcelo Paraíso Alves¹

Resumo: A intenção da pesquisa foi investigar as tessituras e enredamentos das redes de sujeitos e subjetividades na educação musical. A intenção foi perceber as redes como *locus* de processos emancipatórios para alunos do Ensino Fundamental, mais especificamente, por intermédio do estudo das ações pedagógicas desenvolvidas no cerne do projeto BLOCODECONCRETO. Os fundamentos teóricos-epistemológicos-metodológicos que nortearam as investigações tiveram como base os conceitos de currículos praticados, modos de usar e fazer, trazendo para o centro do debate as práticas culturais “produzidas” a partir das narrativas e episódios de ensino construídos no BLOCODECONCRETO. O paradigma indiciário permitiu encontrar entrelaçamentos importantes a partir da produção histórica do tempo/espaço estudado.

Palavras-chave: Cotidiano. Processos Emancipatórios. Redes de subjetividades. Ensino Fundamental.

Abstract: The intent of the research was to investigate the tessitura and entanglements of the networks of individuals and subjectivities in the music education. The intent was to see the networks as a locus of emancipatory processes for students of the elementary school, more specifically through the study of the pedagogical actions developed in the heart of the project BLOCODECONCRETO. The fundamentals

¹ Doutor em Educação, professor do IFRJ- VR e UniFOA
E-mail: marceloparaiso1@yahoo.com.br

theoretical-epistemological and methodological were based on the concepts of practiced curriculum and the ways of using and making, bringing to the center of debate the cultural practices “produced” from the narratives and episodes of teaching built in the workshops of the BLOCODECONCRETO and seized through interviews and field notebook. The evidentiary paradigm possible to find important twists from the historical production of the space / time studied.

Keywords: Daily Life. Emancipatory Processes. Subjectivities Network. Elementary School.

Ensaio dos primeiros batuques

Este texto resulta do estágio pós-doutoral em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, e, em decorrência, da pesquisa realizada a partir de julho de 2010 na Escola Municipal Nilton Pena Botelho, localizada no município de Volta Redonda (RJ).

O referido estudo tem como ponto de partida as práticas pedagógicas – currículos praticados - que emergem do Projeto BLOCODECONCRETO², na intenção de desinvisibilizar experiências antes silenciadas, evitando o desperdício das experiências - Sociologia das Ausências – (SANTOS, 2002) no campo do currículo em uma escola que atua com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, bem como as possibilidades concretas e radicais do projeto na expectativa de construção de ações que abram caminhos para novos processos emancipatórios – Sociologia das Emergências.

² O BLOCODECONCRETO é um projeto social concebido pela Organização Não Governamental Espaço Cultural Francisco de Assis França e desenvolvido com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Volta Redonda. A escrita do nome do bloco em letra maiúscula – BLOCODECONCRETO – e de forma contínua (sem separação das palavras) deve-se pela opção dos próprios sujeitos que constituíram o projeto.

O objetivo do estudo foi investigar as tessituras³ e enredamentos das redes de sujeitos e subjetividades que singularizam as práticas pedagógicas – currículos praticados (2003) - nas aulas de percussão - Educação Musical e Educação Ambiental – ministradas a partir do projeto BLOCODECONCRETO.

A intenção foi buscar compreender como as redes e sua configuração como espaços estruturais (SANTOS, 2002) influenciam as ações dos sujeitos nas oficinas do projeto mencionado (BLOCODECONCRETO), produzindo, a partir de um currículo oficial – a obrigatoriedade da Educação Musical (**lei 11.769/2008**) e Educação Ambiental (**LDB/96**) – práticas singulares que se aproximam da noção de currículos praticados (OLIVEIRA, 2003).

Na tentativa de atingir o objetivo proposto, serão utilizadas noções de táticas, modos de usar e fazer cotidianos e práticas ordinárias a partir de Certeau (1994), trazendo para o centro do debate as práticas culturais produzidas, tendo como centralidade as narrativas e episódios de ensino construídos durante as oficinas do projeto e anotadas em caderno de campo, bem como entrevistas com os professores da referida oficina e, por fim, o diálogo com textos retirados de diversos sites vinculados ao Espaço Cultural Francisco de Assis França e ao BLOCODECONCRETO.

Nessa roda de samba, quem dita o ritmo? Sujeitos, instrumentos e percussionistas

O sujeito mencionado no trabalho é o sujeito epistêmico de Certeau (1994, p.45), o homem ordinário: “produtores desconhecidos, os consumidores produzem por suas práticas insignificantes – mundanas - alguma coisa que poderia ter a figura das ‘linhas de erre’ desenhadas pelos jovens autistas”.

3 Opto pelo termo tessitura por conta da perspectiva de Alves (2003). A autora menciona que o “termo foi buscado na música permitindo compreender o modo como se relacionam as notas musicais para compor uma peça” (p. 3).

O que considero nesse homem comum é a forma como age diante de uma “produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta” (CERTEAU, 1994, p. 45), produzindo um tipo totalmente diverso do consumo, que tem como características a clandestinidade e a invisibilidade pela forma como usa aquilo que lhe é imposto: as táticas de consumo.

Portanto, à medida que se busca o movimento dos sujeitos e as suas formas de intervenção na prática docente nas oficinas do BLOCODECONCRETO, tornam-se perceptíveis as necessidades de se apoiar em Mello (2003) e em sua discussão sobre as diversas racionalidades, todas legítimas e forjadas nas vivências contextualizadas dos sujeitos humanos em suas culturas locais.

Diante dessa experiência (LARROSA, 2004), singular, buscou-se discutir as questões pertinentes à composição do projeto (BLOCODECONCRETO) e do Espaço Cultural Francisco de Assis França, pois, ao realizar imersões nas práticas dos sujeitos, não as realizamos como uma forma de autoanálise, mas com o intuito de esclarecer o ponto de partida; portanto, o lugar de onde se fala.

Discutir a experiência da escola pesquisada e da qual participamos com outros sujeitos, a partir de um referencial político-teórico-epistemológico-metodológico singular - os Estudos do Cotidiano (OLIVEIRA, 2003, 2008, 2010; FERRAÇO, 2008; ALVES, 2003, 2008) -, tornou possível compreender: “o enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento” (CERTEAU, 1994, p. 63).

Pensando nas ações desenvolvidas pelos sujeitos no cotidiano da escola é que o atual projeto de pesquisa começou a ser gestado, no ano de 2008: o embate estabelecido entre a direção da Escola Municipal Rubens Machado (Volta Redonda) e os professores do projeto de

percussão (Projeto BLOCODECONCRETO), que ocorria todos os sábados, como parte do projeto Sábado na Escola, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação (SME).

Pensando no batuque que se inicia trago Oliveira Neto (2004) para elucidar uma questão de fundo. O autor menciona que a bateria de uma escola de samba se constitui em dois espaços: frente e cozinha. Cozinha “é porque lá o samba pega sustentação, lá onde o ritmo se alimenta, pega também o molho como repique, pega um swing” (p. 04). Nessa ótica, a bateria se divide em função da sonoridade: a parte da frente da bateria com som agudo (chocalhos, tamborins e cuícas), e a parte de trás com o som grave (surdos, repiques e caixas). Este esclarecimento se faz necessário, pois alguns ritmistas (autores) irão compor a cozinha temperando nosso batuque, outros farão como o chocalho, que possui leveza e mobilidade para a dança, mas não toca o samba inteiro.

Assim, opto por narrar um fato ocorrido (e apreendido em caderno de campo), na tentativa de trazer à “tona” algo que procuro compreender, pois a narrativa adentra como um **instrumento** (metodologia), enredado aos **percussionistas** (teorias, epistemologias), fabricando uma produção singular: “narrar é (re)introduzir na seta do tempo, os espaços dos acontecimentos e as personagens com que aprendemos sabendo que a vida não será resultado apenas da aplicação do já aprendido” (OLIVEIRA; GERALDI, 2010, p. 16).

O fato a ser narrado ocorreu quando eu ainda atuava como professor da Escola Municipal Rubens Machado. Posteriormente, solicitei a saída da escola; no entanto, acompanhei o movimento do projeto, o que gerou a pesquisa que no momento apresento.

Estabeleceram-se, em outubro de 2008, e estenderam-se durante o ano de 2009, os conflitos entre os monitores responsáveis pelo projeto – BLOCODECONCRETO - e a direção da Escola Rubens Machado. A tensão entre os atores mencionados decorreu a partir das visitas

frequentes de um dos membros da comunidade, reconhecido como um dos sujeitos responsáveis pelo movimento do tráfico no bairro Verde Vale, onde se localiza a escola, ao espaço onde eram realizadas as aulas de percussão do referido projeto.

A diretora, após tomar conhecimento do ocorrido, procurou os monitores do projeto e comunicou que apenas deveriam frequentar os espaços destinados às aulas de percussão os alunos matriculados e autorizados pela direção da unidade escolar.

Durante o diálogo com a diretora, os monitores do projeto se recusaram a seguir as determinações estabelecidas pela escola, no que diz respeito aos alunos participantes das aulas de percussão, pois partiam do pressuposto de que o projeto estava subordinado à SME; portanto, a direção não teria ingerência em suas ações.

A lógica estabelecida pelos gestores do projeto não era a mesma da direção da unidade escolar. Ao perceber o movimento dos sujeitos e suas formas de intervenção na gestão escolar, apoio-me em Mello (2003) e em sua discussão sobre as diversas racionalidades, todas legítimas e forjadas nas vivências contextualizadas dos sujeitos humanos em suas culturas.

Diante dos embates, tensões e conflitos mencionados, fui me deparando com algumas questões que considero importantes abordar para enriquecer o batuque: vivenciar espaços e práticas de gestão emancipatórias ou autoritárias produz aprendizagens distintas na corporeidade? Será possível pensar uma escola que permita, como construção curricular, a efetiva participação decisória no cotidiano escolar? As aprendizagens adquiridas no projeto interferem no cotidiano da escola?

Dessa forma, iniciando o caminho de pesquisa que pretendia percorrer realizei um movimento de aproximação com as práticas desenvolvidas pelos integrantes do projeto BLOCODECONCRETO, na

tentativa de investigar, mais especificamente, as ações que ocorriam no referido espaço (as aulas de percussão), suas conexões com a gestão do projeto e suas intervenções na gestão da escola, o que me remeteu a refletir sobre o entrelaçamento entre gestão e currículo.

É importante frisar que, ao finalizar o ano letivo de 2009, a direção da Escola Municipal Rubens Machado solicitou, à SME, a retirada do projeto do bloco da escola, o que me alavancou para outra escola (Nilton Pena Botelho, no bairro Roma), para acompanhar as ações do projeto.

Ao iniciar o movimento de imersão no cotidiano do projeto, me deparei-me com os signos que emergiam nas narrativas dos sujeitos (sites, músicas, depoimentos) envolvidos no projeto. Dessa forma, fui remetido a pesquisar a origem do Espaço Cultural Francisco de Assis França e o processo de gestação do BLOCODECONCRETO e, em decorrência, a pensar a partir de duas noções que singularizaram a batucada: primeiro, as redes de sujeitos (SANTOS, 1998); segundo, as tessituras de conhecimentos em redes cotidianas (ALVES, 2008): “Insisto na ideia de superação do conceito pela humildade da noção” (MAFFESOLI, 2008, p. 7).

Assim, a opção pela noção de redes foi necessária por permitir o mergulho (ALVES, 2008) no cotidiano investigado, nos processos educativos “reais”, fruto do enredamento de práticas, conhecimentos e eventos produzidos, na busca da compreensão dos acontecimentos, mais especificamente as ações que influenciam a concepção e constituição do Espaço Cultural Francisco de Assis França e, também, as práticas docentes do projeto BLOCODECONCRETO, desenvolvido na Escola Nilton Pena Botelho, da Secretaria de Educação de Volta Redonda.

Um aspecto epistemológico-metodológico utilizado para singularizar a pesquisa e que está enredado à noção de redes é a compreensão do processo de criação do Espaço Cultural Francisco

de Assis França e o enredamento à origem e às tessituras das oficinas realizadas pelo BLOCODECONCRETO, influenciados pelo movimento mangue beat e, portanto, interferindo nas experiências e influenciando o currículo dos alunos participantes dos projetos.

Nesse sentido, parto do princípio de que a prática docente *aprendida ensinada*⁴ no cerne do projeto BLOCODECONCRETO - pedagogias do espaço pesquisado - emerge das experiências (LARROSA, 2004), “possíveis” aprendizados que, potencialmente, podem desencadear “outros” processos emancipatórios.

O espaço cultural Francisco de Assis França e o BLOCODE- CONCRETO: tessituras, redes...

O Cidadão do Mundo

Daruê Malungo, Nação Zumbi

É o zum, zum, zum da capital

Só tem caranguejo esperto

Saindo deste manguezal

(Chico Science/ Nação Zumbi/ Eduardo Bid) –
grifos do autor.

Ao iniciar o movimento de aproximação e constituição do campo a ser estudado (BLOCODECONCRETO) me deparei com inúmeras dificuldades para compreender os enigmas dispostos nas falas dos sujeitos, nos textos e imagens expostas no site da ONG (Espaço Cultural Francisco de Assis França).

Diante da dificuldade percebi a necessidade de investigar o processo de gestação dos espaços mencionados para realizar o movimento mencionado por Pais (2003): aprender a ver o que é

4 Para Alves (2003), a escrita entrelaçada “dos termos tem, também, a ver com a busca de superação das marcas que em nós estão devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, representado pela ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos, vistos como ‘pares’, mas opondo-se entre si” (p.3).

comum com um olhar estrangeiro e olhar como se fosse comum o que é desconhecido.

Assim, ao buscar compreender os “*caranguejos*” – sujeitos - que compõem o Espaço Cultural Francisco de Assis França e o projeto BLOCODECONCRETO, bem como os enredamentos junto ao movimento *mangue beat*, tornou-se necessário pensar em um movimento que deveria interessar a quem pesquisa nos/dos/com o cotidiano (ALVES, 2003), pois quem está mergulhado nesse campo de investigação deve-se importar “com as pessoas, os *praticantes*, como as chama Certeau (1994), porque as vê em atos, o tempo todo” (p. 6).

Seguindo as pistas (GINZBURG, 1989) expostas e considerando as duas noções que reforçam o *repique* da nossa percussão, as redes de sujeitos, pois somos, cada um de nós, *uma rede de subjetividades (espaço doméstico, espaço da produção, espaço do mercado, espaço da comunidade, espaço da cidadania e espaço mundial)* formada nos tantos contextos cotidianos de que participamos (SANTOS, 1998; 2002), e as tessituras de conhecimentos em redes cotidianas (ALVES, 2001; FERRAÇO, 2008), passo agora a discutir as redes de sujeitos e as tessituras de conhecimentos que influenciaram a *fabricação* dos espaços pesquisados e que interferem nas produções das aulas do BLOCODECONCRETO.

O BLOCODECONCRETO e as redes de subjetividades

Trazer a epígrafe de Chico Science para o corpo do texto foi essencial para ‘tentar’ compreender a complexidade (MORIN, 1995) que envolve a tessitura do referido músico ao espaço cultural pesquisado e, em decorrência, ao BLOCODECONCRETO. “Uso” o verbo tentar, pois assumo, na perspectiva de Alves (2003), a dificuldade para tecer o pensamento em rede e escrever sobre esses enredamentos, sabedor que sou das limitações de quem foi forjado no paradigma moderno.

Realizar as tessituras propostas requer não hierarquizar os múltiplos caminhos possíveis e reconhecer a perspectiva “não linear” e caótica que o cotidiano apresenta diante de todos nós.

Tendo admitido que os problemas a serem discutidos sejam complexos, parto do princípio de que vou precisar estabelecer relações sem nenhuma pretensão de hierarquizar o nível de importância dos sujeitos que influenciaram a constituição dos espaços pesquisados, mas sabendo da necessidade de conhecermos os sujeitos e os lugares, as histórias locais e os projetos globais (MIGNOLO, 2003), na tentativa de compreender a diferença colonial⁵ que interferiu nas redes que buscamos compreender e que influenciam o cotidiano desses sujeitos. Na intenção de atingir o objetivo proposto, aludo ao autor da epígrafe, Chico Science e Santos (2002), para incrementar nossa *batucada*, na tentativa de refinar o som que emerge dessa *percussão*.

Chico Science é o apelido do músico Francisco de Assis França, que nasceu em treze de março de 1966. De acordo com o site pesquisado⁶, o músico se constituiu em uma família cujo pai era funcionário público e a mãe dona de casa - *espaço doméstico* (SANTOS, 2002) -, tendo sido criado na periferia de Olinda (*espaço da comunidade*). Para Santos (2002), os espaços estruturais são os conjuntos elementares das relações sociais nas sociedades capitalistas contemporâneas. O autor funda sua discussão a partir de três elementos que se articulam em rede, configurando as singularidades socioculturais (o poder, o direito e o conhecimento) que agem como matriz das múltiplas dimensões de desigualdade e opressão no sistema mundial.

Retomando a discussão em relação a Chico Science, o *espaço mundial* envolve o músico no início na adolescência, sendo ele

5 A diferença colonial é, finalmente, o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a Colonialidade do Poder, no confronto de duas espécies de histórias locais visíveis em diferentes espaços e tempos do planeta (MIGNOLO, 2003, p. 10).

6 Pesquisa realizada em 20/07/2010 - www2.uol.com.br/jc/chicoscience/carreira; www.recife.pe.gov.br.

influenciado pelo Funk (James Brown e Cia.). Na década de 1980, participou de grupos envolvidos com Hip Hop, nos quais ainda estavam inseridos, além de músicos e dançarinos, grafiteiros, todos influenciados pela música negra norte-americana.

Em relação ao *espaço da comunidade*, Science, no início da década de 1990, entrou em contato com o Lamento Negro, um bloco afro que desenvolvia projetos no Daruê Malungo, centro comunitário localizado na periferia do Recife. Nessa mesma época, a energia da percussão possibilitou a mistura de sons e ritmos: black music, música de raiz, maracatu e coco de roda - eis aqui o embrião do movimento que veio a ser batizado de manguê beat. Delinearam-se, pois, contornos de uma prática sociocultural que reunia ações específicas em suas práticas cotidianas, orientadas por uma lógica da ação: ***as táticas de consumo*** (CERTEAU, 1994, p.45).

Pensar no contexto do músico permite pensar as redes de subjetividades que são forjadas nos contextos em que praticamos como sujeitos produtores (SANTOS, 1995). O depoimento de Felipe⁷ nos revela a preservação da cultura local, por meio da fabricação de múltiplos espaços que reproduzem/transmitem/recriam através da **percussão uma pedagogia** que emerge dos referidos espaços e que influencia o trabalho no cotidiano escolar:

Toda criança passou por um tambor lá em Recife. E isso assim, por consequência na vida dessa criança ela pode virar lixeiro, advogado, pode virar qualquer coisa, qualquer profissão, que ele vai seguir, vai levar coisas que ele aprendeu ali.

Ao refletir sobre o depoimento de Felipe, enredado à produção de conhecimentos em redes e, simultaneamente, às maneiras de usar dos sujeitos, recordo o som produzido pelo **chocalho** de Seeger (1977),

⁷ Entrevista realizada em 20/07/2010 – membro fundador do Espaço Cultural Francisco de Assis França e professor do BLOCODECONCRETO.

ao mencionar que a música opera de acordo com as regras definidas no que concerne à forma e ao conteúdo. Partindo desse pressuposto, “os sons cujos princípios de organização não são perceptíveis para uma determinada audiência são frequentemente rejeitados por ela como simples ruído” (p. 42). No entanto, o autor considera que a vida social, a cosmologia e a *música* possuem um espectro, uma abertura para a variação, a interpretação e a especulação. Atores individuais escolhem alternativas e as interpretam.

Pensando a partir do exposto por Seeger (1977), remeto-me novamente a Santos (2002) para pensar a perspectiva musical do movimento mangue beat e refletir sobre alguns aspectos: qual a origem do som, do batuque, da percussão e da mistura de ritmos realizada pelo BLOCODECONCRETO? De onde emerge a concepção pluritópica que perpassa as oficinas realizadas pelo grupo BLOCODECONCRETO no interior das escolas do município de Volta Redonda?

Para responder aos questionamentos foi fundamental conhecer a rede de relações estabelecidas entre Chico Science e Fred Zero Quatro⁸.

Pais (2003) reitera que há algumas possibilidades de contextualização sociológica pela via do cotidiano: primeiro, o contexto surge como meio envolvente; segundo, por contexto pode tomar-se tudo o que na sociedade é necessário para perceber, por exemplo: os acontecimentos. E, finalmente, tudo se explica pelo contexto. O autor considera que qualquer que seja a opção para compreender um contexto deve-se observar que ele surge como um artefato para retalharmos a realidade. Contudo, ao retalhar a realidade, há que distinguir entre os símbolos e os elementos empíricos, ainda que estes possam funcionar como elementos simbólicos. De outra forma, há que se distinguir os *universos simbólicos* e os *referentes simbólicos* (PAIS, 2003).

⁸ Músico e jornalista pernambucano. Líder do Mundo Livre S/A, banda nascida em 1984, em Recife, PE.

Nesse sentido, torna-se fundamental perceber que os sujeitos, ao realizarem uma fabricação, um **enred(e)amento** do primeiro, **universos simbólicos** (o mangue, o cotidiano de Recife e sua cultura musical local), ao segundo, os **referentes simbólicos** (os conhecimentos científicos advindos da questão ambiental), configuraram o movimento mangue beat que surgiu da metáfora idealizada por trabalhos de Zero Quatro em vídeos ecológicos; daí, talvez possamos entender a relação do movimento com o *espaço da cidadania* (SANTOS, 2002) e, em decorrência, a aproximação do BLOCODECONCRETO à música – percussão – e aos instrumentos confeccionados com material reciclados.

Chico Science, Fred Zero Quatro e Renato L. elaboraram um manifesto denominado “*caranguejos com cérebro*”, estabelecendo um paralelo entre o mangue, como um ecossistema biologicamente rico, múltiplo, diverso e a música.

No momento em que apresento o **mangue** como um *símbolo* que contextualiza o cotidiano dos sujeitos supracitados, a intenção é apenas entender o **universo simbólico** (PAIS, 2003) que se configura a partir da cidade do Recife. No entanto, ao buscar compreender a utilização dessa terminologia pelos sujeitos que compõem a referida história local procuro, sobretudo, perceber as redes de conhecimentos que emergiram com esse movimento que chega a Volta Redonda e influencia a constituição do espaço cultural pesquisado, pois, posteriormente, tais redes estarão presentes no cotidiano das escolas onde o projeto se faz presente.

O texto retirado do site oficial do Espaço Cultural Francisco de Assis França emerge no artigo, singularizando o ritmo e nos permitindo perceber as influências do movimento mangue beat no projeto BLOCODECONCRETO.

A distância entre Peixinhos (periferia do Recife) e Volta Redonda (interior do Rio de Janeiro) não foi problema para o grupo de músicos que em

2003 criou o Espaço Cultural Francisco de Assis França. A homenagem ao grande Chico serve também como inspiração para a linha de atuação do grupo [...]. A primeira iniciativa do espaço foi a criação do BLOCODECONCRETO, a banda toca com instrumentos de percussão criados a partir de objetos descartados, o que chamam por aí de lixo⁹.

Na constituição de suas experiências, os praticantes, por intermédio das redes de sujeitos em que estão imersos, aprendem a *usarfazer* **práticas docentes** que dialogam com os múltiplos espaços vivenciados, produzindo formas de expressão que, no caso singular do BLOCODECONCRETO, opto por denominar de **PEDAGOGIADOCONCRETO**.

A opção pela escrita – PEDAGOGIADOCONCRETO – deve-se pela concepção de concreto que vou trabalhar neste estudo: “tudo junto”, “inteiro”, “completo” ou “formar-se por agregação”, “tornar-se espesso”, “edurecer-se” (MORA, 2000). Simultaneamente, outro aspecto que influenciou tal decisão foi a vinculação à decisão política dos sujeitos que compõem o referido espaço, mantendo o nome da oficina em um único bloco (BLOCODECONCRETO).

Assim, ao considerar a existência de uma pedagogia que emerge das práticas docentes dos sujeitos na espacialidade do projeto pesquisado, é relevante evidenciar o que concebo como concreto.

Como ponto de partida busco o sentido etimológico do termo em grego: *σύνολος*, que, de acordo com Mora (2000), significa, literalmente, “*com tudo*”, isto é, “*tudo junto*”, ou “*inteiro*”, “*completo*”. Seguindo na mesma direção, o autor menciona que o termo em latim: *con-cretum* é o substantivo que corresponde a *concreasco*; de acordo com o autor, significa “*formar-se por agregação*”, “*tornar-se espesso*”, “*edurecer-se*”.

⁹ Espaço Cultural Francisco de Assis França - dia 20/07/2010 – www.ecfa.com.br.

Ao me deparar com o conceito de concreto supracitado fico a pensar na feitura do concreto que conhecemos no cotidiano das obras de Engenharia Civil: cimento, areia, pedra, tudo junto, misturado, compondo uma matéria sólida e compacta. O BLOCODECONCRETO se constitui na mesma perspectiva? Qual a matéria-prima utilizada na solidificação do BLOCODECONCRETO? Será a mistura entre música e a educação ambiental?

Se, inicialmente, tomei como ponto de partida a perspectiva grega para refletir sobre o conceito de concreto, agora tomarei como ponto de encontro e diálogo, o projeto BLOCODECONCRETO, as práticas ordinárias (CERTAU, 1989), as histórias locais (MIGNOLO, 2003) e as astúcias dos sujeitos que reinventam os projetos globais de acordo com suas necessidades, anseios e interesses.

Portanto, não se trata aqui de me apoderar da sabedoria grega, conforme menciona Maffesoli (1994, p. 58): trata-se de uma tentativa de expor “belamente” o problema - *Kalos aporeuesthai*. Como reitera o autor, pensar a partir da sociologia relativista: “Eis um pensamento de equilíbrio onde o espírito e a sensação permanecem intimamente misturados, onde a estética não é oposta à intelectualidade”.

Assim, o que importa não é uma investigação a partir de uma “elaboração enviesada, mas a articulação de **verdades locais** (em todos os sentidos do termo), que nos permitam situar no presente” (MAFFESOLI, 1994 p. 58) – grifo do autor.

O depoimento de Frankão¹⁰ evidencia algumas pistas do aprendizado que emerge - pedagogia - nas oficinas do bloco:

Isso virou uma didática nossa também. Eu estava com pouco tempo no Roma, eu estava dando aula

10 Entrevista - 05/04/2011 - Franklin Soares Monteiro – membro fundador do Espaço Cultural Francisco de Assis França e professor do BLOCODECONCRETO.

lá também. Eu falei: aí, molecada, não tem lata. Aí eu botei pilha: traz lata! Ninguém trouxe por quê? Os alunos responderam: Professor é complicado. Complicado? Então espera aí. Chega aí. Demos uma volta no bairro e arrumamos seis latas. Aí eu falei: que complicado é esse. Vamos lá pra vocês verem como é que pede lata. Chega na obra e dá ideia: tem lata aí? Você olha uma obra vai ter lata [...] Rodamos a comunidade inteira com eles, todo mundo junto, **para ensinar. Não sabe fazer? Então você vai ver como é que faz.**

O depoimento revela um dos objetivos do bloco, a tentativa de implantação de uma banda que busque sua autonomia e que fabrique certunianamente o som e os instrumentos desejados.

Assim, pensando na dimensão da sociologia relativista e buscando a aproximação como objeto de estudo por meio da compreensão das redes de subjetividades que configuram o Espaço Cultural Francisco de Assis França, e em decorrência o Projeto BLOCODECONCRETO, resgato o depoimento de Felipe como mais um sinal para refletir sobre a fabricação da pedagogia e seus desdobramentos no cotidiano do BLOCODECONCRETO:

Então assim, **quando o primeiro garoto falou de Folia de Reis, nós paramos. Não, espera, aí como é que é? Volta aqui! Fala da Folia! Sabe um verso? Então canta aí, meu irmão... Aí quer dizer eles começaram a ficar até cismado... como é isso? Pô, o negócio não é modernão? [...]** Então, assim, logo de cara, muito no início, **eles acharam que Folia de Reis era menos que qualquer outra coisa que a gente ia trazer para eles entendeu...** e foi meio que ao contrário.

O depoimento permite perceber o enredamento entre os conhecimentos advindos da cultura local (Folia de Reis) e a tentativa de pensar a

questão ambiental, por meio da música, da percussão; portanto, uma **pedagogia** que busca a agregação dos alunos, a partir de seus conhecimentos, de suas práticas, uma *maneira de usar* articulada a uma *maneira de fazer* que se esparge aos sujeitos que vivenciam - experiência (LARROSA, 2004) - os espaços mencionados, **incorporando** múltiplas aprendizagens e outras maneiras de conceber a gestão dos espaços, da vida e do mundo: ecologia de saberes (SANTOS, 2010). Até que ponto essa forma de fazer sofre a influência do movimento manguê beat?

Portanto, ao pensar a partir da ótica certeuniana, para além do símbolo (PAIS, 2003), busco também compreender a tessitura em torno do ritmo do “manguezal”.

É possível perceber a *fabricação* dos sujeitos (re)inventando, sons, ritmos, palavras: “a partir dessas marcas na linguagem, já se pode retornar às maneiras de fazer dos operadores” (CERTEAU, 1994, p. 83). Esse modo de “*saberfazer*” realiza golpes na ordem estabelecida, subvertendo a economia do tempo, roubando e recuperando o material (sucata) para seu proveito próprio; subtraindo a máquina do tempo, tendo em vista o trabalho livre, criativo e não lucrativo. “Longe de ser uma regressão para unidades artesanais ou individuais de produção o trabalho com sucatas reintroduz no espaço industrial as táticas populares de outrora ou de outros espaços” (CERTEAU, 1994, p. 88).

Assim, é importante perceber o enredamento realizado entre a música – diversos ritmos musicais - e os conhecimentos advindos da ecologia e da biodiversidade, para podermos pensar a partir de outras fronteiras.

Diante do referido contexto, é possível compreender a similaridade das práticas - **enred(e)amento** - realizadas pelo Espaço Cultural Francisco de Assis e o movimento manguê beat. O depoimento de Felipe é um indício (GINZBURG, 1989):

A gente usa Chico Sciense e a cultura pernambucana como referência [...]. Por exemplo: Chico

Sciense pegou o que estava em volta dele e pegou o que estava vindo do satélite. O que está vindo do satélite está vindo do mundo inteiro. O símbolo do mangue beat é o satélite enfiado no mangue. Então é assim, ele pegou a atmosfera local dele e lincou com uma coisa mundial, com uma cultura mundial. Então ele pegou o coco de embolada e misturou com o rap [...]. Usando da mesma forma, a gente possui uma cultura muito forte, não só no Rio de Janeiro Capital, mas em todo o Estado, a cultura do Funk. O Funk no BLOCODECONCRETO é o primeiro ritmo que a molecada aprende, eles já sabem tocar. Já sabem, já sabem, a gente só conduz.

Esse depoimento nos permite perceber a relação com o espaço mundial (SANTOS, 2002) quando é mencionado o satélite enfiado no mangue (ver figura 01 em anexo); da mesma forma, permite pensar o espaço cultural e o BLOCODECONCRETO emergindo das redes de conhecimentos originadas pelo mangue beat, como espaços que em potencial atuam na perspectiva pós-abissal (SANTOS, 2010), pluritópica, pois se refere a uma copresença radical. “A co-presença radical significa que práticas e agentes de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários” (p. 53). A copresença pensada aqui se dá através da tessitura da música com os diversos ritmos entrelaçados a posicionamentos políticos por meio do pensamento ecológico.

Um aspecto relevante a ser mencionado, que dialoga com o movimento mangue beat e que interfere nas práticas docentes do grupo (percussão com material reciclável) foi o processo e o período de gestação do espaço cultural, que ocorreu a partir de uma banda de música formada no final da década de 1980, em Volta Redonda. O nome original era *Gusa*, que é a produção resultante da redução do minério de ferro pelo coque ou carvão e calcário num alto forno, matéria-prima utilizada no processo de constituição do aço.

Nesse sentido, a banda “Gusa” emerge como indícios nos reportando à Companhia Siderúrgica Nacional e, conseqüentemente, ao movimento sindical estabelecido na cidade de Volta Redonda, desde 1946 (MONTEIRO, 1995).

No referido *espaçotempo*, a banda pautava suas composições buscando retratar a questão ambiental relacionada aos problemas que emergiam da poluição da CSN. Será coincidência a aproximação da banda às ideias do movimento iniciado em Recife? De onde emerge a escolha do nome BLOCODECONCRETO?

A logomarca do bloco (ver figura 02, no anexo) e, em decorrência, o nome da oficina, remetem ao movimento operário, o que nos permite perceber o diálogo do espaço pesquisado com o movimento social: uma questão epistemológica ou política? Será este outro indício das influentes redes de Recife?

A iconografia, aqui, não é trazida como um artefato ilustrativo, mas, na ótica de Oliveira e Geraldi (2010, p. 23): “O trabalho com essas formas narrativas – e aqui incluo as imagens – contribui para a preservação da amplitude e complexidade do meio social e de sua história”.

Mais uma vez os indícios (GINZBURG, 1989) nos levam em direção das influências do movimento mangue beat; conseqüentemente, aos espaços estruturais (SANTOS, 2002) e ao processo de constituição das redes de subjetividades mencionadas ao longo do trabalho.

Em relação ao mangue beat (música e movimento ambiental), o BLOCODECONCRETO também realiza a aproximação do universo simbólico aos referentes simbólicos; no entanto, são alterados considerando as questões locais: em Volta Redonda, o movimento sindical (poluição do ar, lixo, articulados ao aspecto da arte e da música) se mistura ao ritmo do funk, ao da percussão e à produção de instrumentos a partir da sucata aos instrumentos musicais tradicionais

(flauta, píforo, dentre outros), indícios da fabricação local: táticas de consumo nas redes de sujeitos.

No que diz respeito aos espaços estruturais e à constituição das redes de subjetividades, percebem-se as influências dos diversos espaços estruturais (doméstico, da produção, do mercado, da comunidade, da cidadania e o espaço mundial) (SANTOS, 2002), configurando singularmente os sujeitos envolvidos na referida história local: movimento sindical, questões ambientais e cultura local.

Considerações Finais

Enfim, a intenção do estudo foi investigar as redes de subjetividades e a influência nos enredamentos entre a prática docente que emerge no/do BLOCODECONCRETO e a influência nos processos emancipatórios, na tentativa de evidenciar “outras” produções sobre currículo.

Foi uma tentativa de, por meio das pistas e sinais (GINZBURG, 1989), rastrear ações cotidianas, marcas corporais, culturais e narrativas que surgiram das múltiplas maneiras como os praticantes ordinários (CERTEAU, 1994) construíram modos de fazer, configurando-se outras formas de ensinar, aprender e usar – PEDAGOGIADOCONCRETO -, constituindo processos emancipatórios que emergem de conhecimentos prudentes seguindo na direção de uma vida em sociedade mais decente (SANTOS, 2004).

Referências

ALVES, N. Sobre Movimentos das Pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Teias**. Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/209/208>>. Acesso em: 10 out. 2011.

_____. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N.

- Pesquisa no/do cotidiano das escolas:** sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FERRAÇO, C. E. A Pesquisa em Educação no/do/com o Cotidiano das Escolas. In: FERRAÇO, C. E.; PEREZ, C. L. V.; OLIVEIRA, I. B. **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa:** novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP&A, 2008. PÁGINAS?
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais:** morfologia e história. 2. ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.
- LARROSA, J. **Pedagogia Profana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MAFFESOLI, M. **O Conhecimento do Quotidiano:** Para uma sociologia da compreensão. Lisboa: Vega, 1994.
- _____. A terra fértil do cotidiano. **Revista FAMECOS:** mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre: ediPUCRS, vol. 2, n. 36, agosto de 2008, p.5-9. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4409/3308>>. Acesso em: 12 ago.2011.
- MELLO, M. B.. Espaço e tempo da/na escola: o cotidiano e o transbordamento racional'. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método:** pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/Projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MONTEIRO, G. T. M. **Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda:** 50 Anos Brasileiros. Rio de Janeiro: FSB Comunicações, 1995.
- NAJMANOVICH, D. **O sujeito encarnado:** questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- OLIVEIRA, I. B. **Currículos praticados:** entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

_____. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. **Educação & Sociedade**: Revista de Ciência e Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade – vol.28, n. 98, p.47-72, jan./abr. 2007.

_____. Currículos praticados, emancipação social e democracia no cotidiano da escola: um relato de pesquisa. In: FERRAÇO, C. E.; PEREZ, C. L. V.; OLIVEIRA, I. B. **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa**: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP&A, 2008.

_____. Sobre a democracia. In **Democracia no cotidiano da escola**. Petrópolis/RJ: DP&A, 2009.

OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P. **Estudos do Cotidiano & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA, I. B.; GERALDI, J. W. Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. In: **Narrativas**: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis, RJ: DP&A; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

OLIVEIRA NETO, P. C. A Pura Cadência da Tijuca: Estudo sobre a organização social através da bateria do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Tijuca. **Revista Habitus**. Revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v.2, n. 1, p. 21-30, 30 de março de 2004. Anual. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em 31 de mar. 2011.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PÉREZ, C. L. V.; AZEVEDO, J. G. Apontamentos de aulas: questões teórico-metodológicas a respeito dos estudos com o cotidiano. In: FERRAÇO, C. E.; PÉREZ, C. L. V.; OLIVEIRA, I. B. **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa**: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos. Petrópolis: DP&A, 2008.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, B. S. (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. In: SANTOS, B.S; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

6 ANEXOS

Figura:01 Retirada do site no dia 04/06/2011 – www.ecfa.com.br.



FIGURA: 02 Retirada do site no dia 04/06/2011 – www.ecfa.com.br.

